

OTELO NA REVOLUÇÃO (2)

A visita a Cuba e a desestabilização no Regimento de Comandos

O mês de Julho de 1975 caminhava para o fim e os jornais anunciavam os últimos retoques na crise que se vivia. Entretanto, estava em curso uma tentativa do PCP para tornar a figura de Otelo Saraiva de Carvalho mais colaborante com os objectivos do partido. Para tal, lograram convencer o regime de Havana a convidar o general português para uma visita a Cuba. Segundo revelaria, mais tarde, o coronel Varela Gomes:

O PCP apostou fortemente nesta viagem. Pensaram que voltaria transformado num autêntico revolucionário. O próprio Fidel Castro foi mobilizado para a tarefa de “converter” Otelo. Acompanhou-o dia e noite, concedeu-lhe honras de Chefe de Estado, encheu-o de presentes... [...] Foi uma aposta, não só do PCP, mas também do comunismo internacional. Portanto, pode imaginar-se a frustração do PCP quando Otelo “traiu” essas expectativas.¹

Terminada a viagem no dia 30 de Julho, o general Otelo chega a Lisboa e manifesta aos jornalistas as impressões que colhe da visita, nos seguintes termos:

Depois de tudo aquilo que vi, concluí que realmente vale a pena construir o socialismo. [...] Pude concluir que muito do que se passa no nosso país pode ser tirado a papel químico do que se passou em relação à população cubana.²

Era uma forma de olhar a revolução cubana que, vislumbrando as semelhanças, não tinha em conta as diferenças geopolíticas, a origem revolucionária do movimento castrista e muito menos a circunstância de, após a vitória, já como primeiro-ministro, Fidel Castro não ter permitido eleições nem o reaparecimento de partidos políticos e de ter feito uma larga depuração nas Forças Armadas existentes.

Ora, por falar em depuração, na noite do dia em que Otelo chegara de Cuba (30/31 de Julho), durante a realização de um plenário dos militares do Regimento de Comandos, é aprovado o saneamento do comandante, coronel Jaime Neves, do 2.º comandante, de mais sete outros oficiais e de quatro sargentos, sob a principal alegação de que o comandante estaria a obstaculizar o funcionamento da assembleia popular da zona. Esta movimentação tinha contornos golpistas, dado que Jaime Neves estava ausente e que ao 2.º comandante, major Lobato Faria, foi dada voz de prisão. Refira-se, ainda, que, enquanto decorria o plenário, do lado de fora dos muros do quartel decorria uma manifestação de comissões de trabalhadores e moradores.

Tratava-se, por conseguinte, de uma posição de força dos “comandos” progressistas, em oposição a camaradas considerados reaccionários ou insuficientemente revolucionários. O general Otelo, na sua qualidade de comandante-adjunto do COPCON, viria a comparecer no Regimento de Comandos para, numa primeira análise do incidente, sustentar a decisão dos

¹ CERVELLÓ, J. Sánchez, *A Revolução Portuguesa e a sua influência na transição espanhola (1961-1976)*, p. 238.

² *Diário de Lisboa*, 30-07-1975, p. 1.

comandos rebeldes. Logo a seguir, seria emitido um comunicado do COPCON, no qual se afirmava:

Considerando o actual momento político e a responsabilidade das unidades do COPCON como garantes da Revolução, o que exige de todos os militares a maior disciplina, eficiência e consciência política enquadradas no processo revolucionário, o comandante do COPCON decidiu que, na sequência de um plenário dos militares do Regimento de Comandos, fossem transferidos para o Estado-Maior do Exército nove oficiais e quatro sargentos, entre os quais o primeiro e segundo comandantes.

O comandante do COPCON reafirma a necessidade do reforço da aliança entre o MFA e o Povo, o que implica uma correcta inserção das unidades militares nas realidades concretas das populações das respectivas áreas de actuação e uma disciplina perfeitamente enquadrada na vontade das massas trabalhadoras para a construção do socialismo.³

Entretanto, numa reunião no quartel-general da Região Militar de Lisboa, em 4 de Agosto, na qual estão presentes os três generais do Directório (Costa Gomes, Vasco Gonçalves e Otelo) e os demais conselheiros da revolução, a discussão do sucedido no Regimento de Comandos acaba por ser favorável ao regresso dos oficiais saneados, pelo que Otelo se vê forçado a rever a sua anterior decisão, a qual se iria reflectir num novo comunicado tornado público nesse mesmo dia:

1. Realizou-se na tarde de 4 de Agosto um plenário de todos os oficiais, sargentos e praças do Regimento de Comandos, presidido pelo comandante do COPCON, general Otelo Saraiva de Carvalho, ao qual compareceu o coronel Jaime Neves bem como todos os oficiais e sargentos afastados dessa unidade em 31 de Julho passado, em resultado da acção ali desenvolvida por um grupo minoritário.
2. Durante o plenário, foram sendo apontados os factos que deram origem ao levantamento militar na noite de 30 para 31 de Julho, tendo ficado demonstrada a ingerência de grupos políticos e a sua acção perniciosa e divisionista no seio de uma unidade até então coesa, altamente disciplinada e fiel ao MFA.
3. Numa altura em que nas unidades militares se pretende construir uma autêntica vivência democrática baseada na franca e aberta discussão dos assuntos, na liberdade de expressão de opiniões e na verdade transparente dos factos, este Comando não pode admitir, de forma alguma, que acções desta natureza se verifiquem, pelo que, face às conclusões obtidas no plenário, decidiu readmitir nas suas funções todos os oficiais e sargentos que haviam sido afastados da unidade, mandando apresentar no Quartel-General do Governo Militar de Lisboa, para efeitos de justiça militar, os oficiais que assumiram a sua responsabilidade no levantamento.
4. O COPCON reconhece e assim o declara em autocrítica revolucionária, ter sido precipitada a publicação do seu comunicado de 31 de Julho sobre os factos ocorridos no seu Regimento de Comandos, dado que não tinham sido

³ *Diário de Lisboa*, 01-08-1975, p. 12.

de forma alguma realizadas as averiguações necessárias à obtenção da verdade...⁴

Para todos os efeitos, o episódio parecia ser um dispensável fiasco, embora à volta do mesmo devessem ser tidas em conta as suas implicações políticas em toda a evolução da situação até às movimentações militares de 25 de Novembro de 1975.

Que o assunto era deveras importante é conclusão que se pode retirar das palavras de Álvaro Cunhal na reunião do Comité Central do PCP realizada em 10 de Agosto. Nessa ocasião, referindo-se aos acontecimentos recentemente ocorridos no quartel dos Comandos, na Amadora, diria Cunhal:

Aqui também, camaradas, como nós temos observado, dentro deste processo contraditório, se em alguns casos há melhoramento da situação ao nível das unidades e mesmo ao nível de certas regiões, noutros casos vemos a depuração à esquerda. É evidente que o caso dos Comandos da Amadora é um caso muito particular. É um caso em que há uma revolta dos soldados que pegam nas armas e que prendem oficiais. Portanto é um caso de revolta que, a não ter uma protecção superior, sujeita os autores ao Código de Justiça Militar. Só numa dinâmica revolucionária é que se pode aceitar que os soldados peguem em armas, cerquem, prendam os oficiais e digam: “Vocês vão para a rua que nós aqui elegemos quem são os nossos oficiais.”

Se à frente do COPCON estivesse um verdadeiro e consequente revolucionário aquilo que disse na primeira hora era aquilo que mantinha depois. Quer dizer, mantinha a situação de facto, ainda que eventualmente tomasse medidas disciplinares em relação a um ou outro. Mas não. Como sabemos, houve uma recomposição da situação e o saneamento de quatro oficiais, salvo erro, e de vinte furriéis e soldados. O saneamento à esquerda mostra bem que aquela unidade, ainda que não esteja agora muito operacional, está outra vez **em vias de se transformar num instrumento potencial da direita conservadora.**⁵

Nesta declaração, Cunhal reconhecia a dimensão da perda e, ao mesmo tempo, deixava evidente a sua decepção perante o que considerava serem as falhas revolucionárias do general Otelo. Não seria, de resto, a última vez que o descreveria com as cores da insuficiência revolucionária.

David Martelo – Agosto de 2021

⁴ *Diário de Lisboa*, 05-08-1975, p. 10.

⁵ CUNHAL, Álvaro, *Obras Escolhidas V – 1974-1975*, p. 604. Sublinhados nossos.